

# A PRESENTAÇÃO

## Intérpretes do Brasil

O Brasil existe como um estado-nação há pouco menos de duzentos anos, se considerarmos como marco zero a ascensão do Estado do Brasil a Reino Unido a Portugal e Algarves, por ordem do Príncipe Regente Dom João, em 16 de dezembro de 1815. Entretanto, as origens da imaginação de uma identidade brasileira remontam à transição da Idade Média para a Idade Moderna, mais precisamente à célebre *Carta* de Pero Vaz de Caminha (1500), em que o escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral dá notícia ao rei D. Manuel I sobre uma terra “de muito bons ares (...) em tal maneira (...) graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem”. A *Carta* institui os fundamentos de uma persistente visão edênica do vasto território que viria a ser denominado Brasil, brilhantemente estudada por Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do paraíso*. Antes mesmo de determinadas suas fronteiras geográficas e definido seu status legal, o Brasil é configurado simbolicamente nas narrativas com que os europeus, viajantes à *terra brasilis* ou observadores de segunda mão, vão inventando essa nova e excepcional entidade *ultra equinotialem*: More, Léry, Thévet, Montaigne, Staden, Campanella, Gândavo, e outros. Com o pouco interesse da Metrópole portuguesa pela região durante a maior parte do século XVI, poderíamos dizer que a fundação do Brasil se faz *textualmente*, através de seus primeiros intérpretes.

Combinando elementos utópicos e distópicos, a interpretação do Brasil continuaria a ser um importante *topos* nas letras brasileiras ao longo do período colonial, intensificando-se após a independência e culminando durante o período republicano. Na esteira de precursores como Manuel Bomfim, Alberto Torres e Oliveira Viana, os chamados *retratos do Brasil*, sobretudo a partir do movimento modernista – Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado, Jr – estabelecem os parâmetros de um verdadeiro *gênero* no pensamento social brasileiro, conforme sabiamente mostrou Antonio Candido em 1967 no prefácio à nova edição de *Raízes do Brasil*. Em resposta às transformações históricas das últimas décadas, enfatizam-se novas temáticas tais como o desenvolvimento e a cidadania – concebidos *latu sensu* – mantendo-se viva a tradição dos intérpretes: Celso Furtado, Paulo Freire, Fernando Henrique Cardoso, Raimundo Faoro, Roberto DaMatta, entre outros. Persiste, assim, a impressão de que o Brasil permanece um objeto a ser definido.

Em sucessivos simpósios, propostos por ocasião dos congressos da Brazilian Studies Association (BRASA) ou da American Portuguese Studies Association (APSA), realizados ao longo da última década nas Universidades de Vanderbilt (2006), Tulane (2008), Brown (2010), Illinois (2012) e Londres (2014), um núcleo internacional de pesquisadores vêm compartilhando sua reflexão sobre as interpretações do Brasil durante o período republicano em diversas áreas, como as Ciências Sociais, as Artes Plásticas, a Literatura e o Cinema.

Os artigos que se seguem foram originalmente apresentados, na qualidade de comunicações, durante o XII Congresso da Brazilian Studies Association (BRASA) em agosto de 2014, no King’s College, de Londres. Seus conteúdos dividem-se entre as Ciências

## Conexão Letras

Sociais e a Literatura, e abordados especialmente dois períodos distintos, o da primeira República e o da geração associada ao Modernismo, relacionados às suas repercussões no pensamento e nas artes.

É logo após a instalação da República que Eduardo Prado escreve, na Europa, mas difunde no Brasil, os *Fastos da ditadura militar*, bradando contra os descabros do novo regime. Seu contemporâneo Manuel Bonfim não foi um adversário do sistema republicano, mas procurou discutir os problemas continentais que incluíam nosso país, questão que atravessa o século e leva ao posicionamento crítico de Gilberto Freyre e Antonio Candido. Pertencentes às gerações subsequentes, e divergindo quanto à interpretação dos problemas nacionais, aqueles dois sociólogos não deixaram de oferecer alternativas de encaminhamento para as dificuldades nacionais, fossem em termos ecológicos (Gilberto Freyre), fosse em termos agrários (Antonio Candido). Sem que se proponha o estabelecimento de uma corrente contínua entre as ideias desses intelectuais, resguardando-se a independência de suas denúncias e propostas, fica configurada a preocupação comum: os rumos da sociedade e da política do país, em suma, o Brasil enquanto entidade autônoma, ainda que não seja ignorada ou negligenciada sua integração à América, ao Hemisfério Sul e ao mundo ocidental.

Outro conjunto de reflexões tem por objeto textos literários, oriundos da prosa e da poesia. Alberto Rangel e Euclides da Cunha manifestam sua perturbação perante a realidade, entre bárbara e mágica, da Amazônia, cujos habitantes oscilam entre o legal e o marginal, beirando a bestialidade, tema que migra para a ficção de Guimarães Rosa. Este escritor, por sua vez, não é apenas um intérprete do Brasil, mas um inquieto viajante do mundo, que experimenta direta e indiretamente, graças a vivências e leituras que se convertem, da sua parte, numa permanente prática tradutória, sinal da inovação linguística que transcende o espaço regional e as fronteiras nacionais. A transgressão, como hipótese de interpretar um espaço determinado, um tempo específico, normas estéticas ou ideologias locais, marca, por sua vez, a produção poética e figurativa de que são expressões as produções líricas de Jorge de Lima e Murilo Mendes.

Os artigos que compõem este volume de *Conexão Letras* caracterizam-se, pois, pela unidade da proposta, de uma parte, de outra, pela pluralidade dos objetos que a materializam. O Brasil e suas possíveis interpretações constituem o pano de fundo, nunca uniforme, porém, o que afiança a sua mutabilidade fecunda e a hipótese de sempre renovadas exposições.

Luiz Fernando Valente  
Regina Zilberman  
*Organizadores*